

### 3

## A teoria da sedução generalizada

Relativizando as mudanças na teoria da sedução freudiana ao longo da construção da psicanálise e interessado em introduzir uma concepção de sedução – caracterizada como estruturante, necessária, fundamental e originária –, Laplanche (1987) inicia sua pesquisa a partir da *neurotica* freudiana, enquanto uma *teoria da sedução restrita*. Neste sentido, no ensaio *Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada*, Laplanche (1988f)<sup>1</sup> retoma quatro características essenciais da teoria da sedução restrita, abandonada por Freud em 1897 – *o adulto enquanto agente obrigatório da sedução, a sedução infantil, a passividade essencial da criança e o encadeamento das cenas* –, com vistas a ampliar a noção de sedução e construir o que, posteriormente, chamaria de *teoria da sedução generalizada*.

A primeira característica da teoria da sedução restrita – *o adulto enquanto agente obrigatório da sedução* – surgiu a partir da releitura das anamneses dos pacientes de Freud, já que nelas, mesmo que uma criança fosse posteriormente seduzida por uma criança mais velha, a primeira experiência de sedução sempre acontecia com um adulto. Laplanche (1988f) relembra a existência do caráter perverso do pai da histérica, na teoria freudiana da década de 1890. O adulto sedutor não era qualquer um; era alguém conhecido da criança, assim como um pai – um pai que apresentava, no entanto, características perversas e agia de maneira incestuosa em relação à criança. O adulto sedutor era visto por Freud, até o abandono da *neurotica*, como um desviante quanto ao objeto e quanto à finalidade.

O adulto incriminado por Freud (...) certamente não era qualquer um. Era um adulto ‘perverso’ e isto no duplo sentido que vai ser estabelecido, mais tarde, nos *Três ensaios*: desvio quanto ao objeto, pois que é um pedófilo, até mesmo incestuoso, desvio quanto ao fim, pois ‘não se pode esperar de pessoas que não têm nenhum escrúpulo em satisfazer suas necessidades sexuais através de

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que, provavelmente, nem todos os ensaios compilados no livro *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (Laplanche, 1988) e que foram por nós aqui utilizados devem ter sido escritos e publicados em 1988. Contudo, já que a edição da Artes Médicas não inclui as datas originais dos artigos, decidimos fazer referências aos textos, ao longo deste capítulo, como se todos houvessem sido editados pela primeira vez no ano de 1988.

crianças que se preocupem com sutilezas na maneira de obter esta satisfação’. (Laplanche, 1988f, p. 109-110)

Laplanche marca a presença de um “caráter *grotesco, repugnante, impróprio e trágico* das relações sexuais num *par desigualmente reunido*” (Laplanche, 1988 [1987], p. 114), ao resgatar o pensamento freudiano a respeito do caráter perverso do agente da sedução. Nas cenas descritas por Freud, complementa Laplanche, a sedução denota agressão, irrupção, intrusão e violência (*ibid.*, p. 116).

A *sedução infantil*, por sua vez, é concretizada, segundo Laplanche (1988f), em cenas de sedução que podem ser reencontradas, memoradas, reconstruídas através da análise. Laplanche afirma que nessas cenas a criança se apresenta de forma imatura diante de um situação sedutora, não compreendendo o que lhe acontece; ela ainda está despreparada – em níveis somático, afetivo, psíquico e intelectual – para as experiências de sedução e, sobretudo, para o confronto com a sexualidade adulta. Assim, num primeiro tempo da experiência traumática de sedução, a criança situa-se numa etapa anterior à irrupção da sexualidade, numa etapa pré-sexual<sup>2</sup>; somente num segundo tempo, já na puberdade, a criança pode ressignificar a sedução infantil.

A imaturidade, a ‘impotência sexual inerente às crianças’ é assim avaliada por Freud em relação a uma espécie de escala de desenvolvimento, comportando etapas, níveis: nível de reação somática, nível de ressonância afetiva, nível de compreensão psíquica, tudo isto fazendo apenas um: é na sua totalidade psicossomático-afetiva que a criança pode ou não integrar adequadamente o que lhe acontece. (Laplanche, 1988f, p. 109)

Por causa de seu despreparo, a criança assume uma posição passiva frente às insinuações e iniciativas sexuais do adulto, experimentando, desse modo, a sedução de uma forma traumática. Sentimentos de angústia e aflição não permitem que a criança aja, portanto, de maneira ativa em relação à sedução, que adquire, assim, contornos de uma agressão traumática, a qual irrompe o *eu* da criança, ameaçando-o de transbordamento e, sobretudo, de aniquilamento.

No que diz respeito ao terceiro elemento da teoria da sedução restrita, isto é, *a passividade essencial da criança*, Laplanche ressalta que, apesar de essencial

<sup>2</sup> Coutinho (1994, p. 81) lembra que “pré-sexual é tomado por Freud num duplo sentido: absoluto, isto é, antes da irrupção da sexualidade; e relativo, ou melhor, numa etapa anterior da sexualidade infantil”.

na sedução, a passividade também esconde algumas questões. “Quem seduz quem?” (*ibid.*, p. 111), pergunta. Será que uma criança seduzida passivamente também não desempenha um papel provocador em relação ao gesto sedutor do adulto? Entre o *Homem dos lobos* (Freud, 1918 [1914]) e sua irmã – que pega seu membro – quem teve a iniciativa do gesto? (Laplanche, 1988d, p. 88). Para responder a estas questões, Laplanche sugere que a passividade da sedução não tem relação com uma passividade comportamental ou gestual, mas está ligada à questão da inadequação da criança para compreender, ou melhor, simbolizar a mensagem que lhe é proposta. Assim, a criança que assiste à cena originária – observação do coito parental, no caso do *Homem dos lobos* – é tão passiva quanto aquela que é sexualmente seduzida pelos adultos.

Sobre o assunto, Coutinho (1994) afirma que a passividade da criança em relação ao adulto deve então ser relativizada, pois, para ela, Laplanche acredita que as crianças também podem induzir os adultos a seduzi-las, nas cenas mais recentes e repetitivas. Ao que complementa:

Contudo, quanto mais se volta no tempo, mais a passividade será dominante, como é o caso extremo do recém-nascido, que fica totalmente à mercê do outro. (Coutinho, 1994, p. 82)

A outra característica essencial da teoria da sedução restrita – o *encadeamento de cenas* – está ligada às relações existentes entre vários acontecimentos, ou melhor, entre várias cenas de sedução, que se encontram articuladas ponto a ponto, através de princípios complexos, tais como contigüidade, semelhança e diferença, já que as cenas simbolizam-se umas em relação às outras. Deste modo, uma cena remete a uma segunda, mais antiga que a primeira, que, por sua vez, remete a uma terceira e assim sucessivamente. Laplanche afirma que a busca freudiana por uma cena originária – a cena primordial – configurou-se como um dos pontos vulneráveis da *neurotica*, contribuindo para o abandono da teoria em 1897.

Continuando sua discussão sobre a teoria da sedução restrita, Laplanche (1988f) passa a apresentá-la a partir de três aspectos complementares – um *aspecto temporal*, um *aspecto tópico* e um *aspecto tradutivo* –, que se aplicam ao que ele denomina de sedução infantil, sedução precoce e sedução originária. Para ele, o termo *sedução infantil* está referido a um primeiro Freud, com sua teoria da *neurotica*, em que o agente sedutor é descrito como *o pai da histérica* (Laplanche,

1988 [1987], p. 115). A *sedução precoce*, por outro lado, refere-se a um período de recalçamento teórico, entre 1897 e 1964/67, segundo Laplanche. Nela, o pai perverso, personagem mais importante da sedução infantil, cede seu lugar para a mãe, que passa a ser a sedutora por excelência, essencialmente na relação pré-edipiana (*ibid.*, p. 126). Finalmente, a noção laplancheana da *sedução originária*, que surge somente após 1964/67, veicula tanto uma idéia de que existem *significantes enigmáticos*, cuja origem é inconsciente, quanto uma outra idéia que inclui na sedução originária situações de sedução “que em nada revelam do atentado sexual” (*ibid.*, p. 134) paterno ou da sedução precoce pela mãe. Nas palavras de Laplanche: “Os cuidados ‘naturais’ ou o atentado ‘paternal’ só são sedutores porque não são transparentes mas opacos, veiculando o enigmático” (*ibid.*, p. 134).

	21 de setembro de 1897	1964-1967
FACTUALIDADE Sedução Infantil	Sedução Precoce	Sedução Originária
TEORIA Teoria da sedução restrita:	Recalçamento da teoria do desenvolvimento:	Teoria da sedução generalizada:
ASPECTOS Aspecto temporal	Mantido isolado (a posterioridade)	Aspecto temporal
Aspecto tópico	Evolui separadamente (as tópicas)	Aspecto tópico
Aspecto verbal, tradutivo	Desaparece	Aspecto verbal (metábole)

(Fonte: Laplanche, 1988 [1987], p. 110)

O *aspecto temporal* da sedução infantil, segundo Laplanche (1988f), corresponde à noção de *a posteriori*, que acompanha a concepção do trauma em dois tempos. Há um primeiro tempo – o tempo do terror e do pânico –, em que a lembrança não é patológica, nem traumatizante. Por outro lado, há ainda um segundo tempo, em que uma nova cena se associa à lembrança da primeira cena,

que se torna auto-traumática. Dito de outro modo, é a própria lembrança, e não a segunda cena, que é auto-traumatizante.

Na opinião de Laplanche (1988f), nenhum trauma tem ação patogênica, segundo a teoria freudiana do trauma em dois tempos. Ao que Coutinho (1994) complementa:

(...) o efeito patogênico do trauma só se manifesta depois, a partir das lembranças. (...) Desse modo, o verdadeiro trauma é um auto-trauma que o sujeito se inflinge pela rememoração. Em função das novas possibilidades de reação do sujeito frente à cena atual, a própria lembrança da primeira cena funciona como fonte de energia libidinal interna auto-traumatizante. (Coutinho, 1994, p. 84)

De acordo com a perspectiva laplancheana, a teoria da sedução restrita se estabelece numa sucessão de traduções, num jogo de *a posteriori*, na medida em que, para Freud, é necessário que a experiência de sedução e a instauração do trauma encontrem seu ponto de partida numa cena vivida ou fantasia originária. Perguntando-se sobre *onde está a sedução*, Laplanche (1988d, p. 87-88) lembra que, no caso *Homem dos lobos* (Freud, 1918 [1914]), a sedução “está toda na relação e na reativação das cenas umas em relação às outras, relação que só se compreende no espaço temporal entre a cena originária e o sonho” (*ibid.*, p. 88). Laplanche (1988f) insiste que Freud não situava, entretanto, a sedução na própria cena originária. Assim, segundo ele, na *neurotica* freudiana, a sedução deveria permanecer como uma estrutura separada das outras fantasias originárias, isto é, da cena originária e da castração.

O *aspecto tópico* da teoria da sedução infantil – enquanto um conflito entre o eu e o outro – deriva, num primeiro tempo, de uma verdadeira estratégia de ataque externo vindo do adulto (Laplanche, 1988 [1987], p. 118-119). Já num segundo tempo, o *aspecto tópico* dela é marcado pelo ataque interno de objetos<sup>3</sup>, ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o *eu* da criança, que não os consegue simbolizar (*ibid.*, p. 106 e p. 119).

A tópica é aqui terreno para uma verdadeira estratégia, no sentido guerreiro do termo, com movimentos de ataque e de contra-ataque. (...) na altura do primeiro ataque, o ataque externo vindo do adulto, a primeira cena sexual, [o indivíduo] não tem meios de defesa adequada, (...) e quando muito pode bloquear o inimigo no terreno, enquistar a recordação, mas não recalca-la. Num segundo tempo, (...) tem perfeitamente meios para (...) compreender o que se passa, mas

<sup>3</sup> Estes objetos a que nos referimos aqui correspondem, para Laplanche após 1964/67, aos *significantes enigmáticos*, na sedução originária.

encontra-se voltado para uma verdadeira guerra estratégica, agredido na face desarmada, isto é, interiormente, atacado por uma recordação e não por um acontecimento. Evidentemente, entre ambos há que fazer intervir (...) o aparecimento do *eu*. (Laplanche, 1988 [1987], p. 119)

Chamamos a atenção para o fato de que o aspecto tópico se constrói em consonância com o desenvolvimento da teoria do *eu* e de suas periferias, o isso e o supereu, assim como o segundo tempo, que é auto-traumático, tem sua saída numa defesa patológica chamada recalçamento.

Já no artigo *Sedução generalizada e primazia do sexual*, ao comentar o aspecto tópico da sedução infantil proposto por Laplanche, Paulo de Carvalho Ribeiro (1996) ressalta que a noção de contra-ataque defensivo por parte da criança – um ataque interno desencadeado por alguma recordação auto-traumatizante – cedeu espaço para a noção de fantasia, após o abandono da teoria da sedução infantil em 1897.

Remetendo-se à hipótese da dupla inscrição<sup>4</sup>, presente no esquema apresentado na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52), Laplanche (1988f) afirma que existe um terceiro aspecto da teoria da sedução infantil – *aspecto verbal e tradutivo* –, que, diferente dos aspectos temporal e tópico, permeia a questão da linguagem e dos modos de comunicação. Laplanche desvela um modelo tradutivo da constituição subjetiva, segundo o qual o aparelho psíquico se constituía por estratificação, em que os traços de memória se submetiam, de tempos em tempos, a uma retranscrição, de acordo com novas circunstâncias. Conforme este esquema, cabia a cada sistema uma inscrição de uma mesma representação, inscrição que se diferenciava pelos modos de funcionamento específicos de cada sistema. Neste sentido, a memória estava presente de uma forma múltipla e as inscrições sucessivas marcavam o mecanismo psíquico em diferentes etapas da vida, sendo que entre estas épocas deveria necessariamente se efetuar uma tradução dos traços mnésicos. Dito de outra forma, a passagem de um sistema para o outro deveria ser operada por uma tradução.

<sup>4</sup> A hipótese da dupla inscrição baseia-se na existência de uma separação tópica do psiquismo – inconsciente/pré-consciente/consciente – e admite a possibilidade de uma mesma representação estar presente em dois locais do aparelho psíquico, ao mesmo tempo. Segundo esta hipótese, uma representação pode avançar de um lugar para outro, sem abandonar sua primeira inscrição.

A partir de sua própria contribuição, isto é, da construção e utilização desses três aspectos, Laplanche (1988f) apresenta pontos positivos e negativos da teoria da sedução infantil. Para ele, a força da teoria da sedução infantil reside:

1) na trama fechada que liga a teoria aos dados tirados da experiência analítica; 2) no fato de pôr em jogo, já de forma rigorosa e doravante intransponível, estes três fatores da racionalidade analítica – temporalidade do *après-coup*, localização tópica subjetiva, laços tradutores ou interpretativos entre os cenários e as cenas; 3) na capacidade explicativa do modelo, amplamente transponível e extensível no campo da psicopatologia; 4) na capacidade evolutiva do modelo: o que designamos de passagem, como ‘esboços’ para desenvolvimentos futuros. (Laplanche, 1988f, p. 112-113)

Laplanche insiste que a essência do fenômeno da sedução não é questionada na sedução infantil, na medida em que a concepção freudiana se limita ao nível mais manifesto da psicopatologia, ao nível das relações perversas entre adultos e crianças (*ibid.*, p. 113). Assim, o modelo da teoria da sedução infantil explica somente a psicopatologia, incluindo num único conjunto a defesa patológica, o recalçamento e o inconsciente. Laplanche afirma que são pontos fracos da teoria da sedução infantil o postulado segundo o qual, em todos os casos de sedução, os pais deveriam ser descritos como pervertidos, a incessante busca por uma cena traumática de sedução mais e mais remota, além da importância quase exclusiva que Freud atribui à puberdade – enquanto uma fronteira entre todas as outras fases pelas quais o sujeito passa.

Segundo Laplanche, com exceção das produções teóricas de Freud e Ferenczi, o tema sedução encontra-se recalçado, entre 1897 e 1964, na literatura psicanalítica. Durante esta época, artigos publicados em revistas não-psicanalíticas atuavam como censura e repúdio a Freud.

É um período de recalçamento, se podemos aplicar este termo à história do pensamento. Na literatura psicanalítica – com exceção de Freud e Ferenczi – é o deserto. (...) A palavra-chave ‘sedução’ indica (...) três artigos de curiosidade psicopatológica e um artigo de curiosidade histórica, todos publicados em revistas não-psicanalíticas por autores cuja posteridade não deixou nenhum testemunho. A restrição à psicopatologia, seu repúdio por Freud como pertencendo a um período ultrapassado, atuaram, no movimento, exatamente como uma censura. (Laplanche, 1988f, p. 114)

Este período intermediário, um período de setenta anos, que coincide com o abandono da *neurotica* freudiana em 1897 e antecede o período em que Laplanche apresenta, pela primeira vez, o que chamaria, após 1964/67, de *teoria*

*da sedução generalizada*, passa a ser nomeado por Laplanche (1987), assim, de período de recalçamento teórico, que corresponde à sedução precoce.

Os aspectos temporal, tópico e tradutivo da teoria se deslocam, no período de recalçamento. No que se refere ao aspecto temporal, a idéia de *a posteriori* permanece como uma categoria importante para o entendimento da noção de sedução em psicanálise, comparecendo, por exemplo, no caso *História de uma neurose infantil* (Freud, 1918 [1914]). Já o aspecto tópico da teoria evolui separadamente, quando, segundo as próprias palavras de Laplanche, “a noção de ataque interno, a que se liga com o corpo estranho interno, não é posta em questão, mas é a fantasia que toma o lugar desta realidade psíquica última” (Laplanche, 1988 [1987], p. 124). O aspecto verbal e tradutivo da Carta 52, por sua vez, tende a desaparecer quase completamente. Conforme Laplanche (1987), é exatamente Ferenczi quem renova este terceiro aspecto da teoria, justamente com seu ensaio *Confusão de língua*, que, de certa maneira, antecipa o que viria a se chamar, mais tarde, teoria da sedução generalizada.

Vemos neste artigo uma espécie de prefácio à teoria da sedução generalizada, e por isso reservamo-lhe o seu lugar, apesar de um certo anacronismo, no que chamamos ‘o após 1964’. (Laplanche, 1988 [1987], p. 125)

Assim, se a teoria da sedução infantil foi abandonada em 1897 e a sedução experimenta um período de recalçamento teórico, em contraponto inaugurou-se um aprofundamento importante com a introdução do conceito da *sedução precoce* nos textos freudianos, em que o pai – um dos principais personagens na sedução infantil – cedeu seu lugar à mãe, na relação pré-edipiana. Neste sentido, a figura parental sedutora após 1897, segundo Freud, não é mais tanto o pai que seduz, mas a mãe que alimenta e acaricia. Concordando com Freud, Laplanche (1988f) supõe que a relação adulto-criança se mantém assimétrica, não sendo uma interação pautada numa reciprocidade, na medida em que a mensagem sexual se origina do inconsciente e é emitida sempre do lado do adulto.

A sedução adquire um novo sentido – necessário e estruturante –, na medida em que, concebida como uma sedução precoce, constitui o aparelho psíquico da criança, desde os seus primeiros meses de vida. Laplanche (1988 [1987], p. 126) associa o verbo *musste* a essa sedução necessária, com o propósito de marcar o caráter inegável das ações maternas, no que tange aos cuidados corporais com os bebês. Procurando sustentar seu argumento, insiste que os



próprios pontos de focalização dos cuidados de higiene maternos são reconhecidos, desde Freud, como zonas erógenas, que eram investidas sexualmente pelas crianças, através de fantasias.

Coutinho (1994) comenta sobre o caráter inegável e necessário da sedução precoce, tal como interpretada por Laplanche (1987; 1988f):

(...) em contraposição à Teoria da Sedução, onde o agente da sedução é o pai, Freud passa a identificar a mãe ou um substituto como agente, por ser a responsável pelos cuidados iniciais da criança. Laplanche denomina esta sedução estruturante – efetivada pelos cuidados maternos – de sedução precoce. (Coutinho, 1994, p. 117)

Laplanche, para ela, extrapola a idéia de sedução infantil em Freud, ao postular que a sedução precoce, na qual a mãe é o agente sedutor por excelência, além de traumática também é estruturante.

(...) dizemos que a sedução é traumática e ao mesmo tempo estruturante. Estruturante porque a organização da sexualidade só é possível pela intervenção, provocação por um agente externo dissimétrico e, portanto, traumático. Traumático porque a criança é confrontada com um excesso de quantidade, com a força pulsional, cuja representação, simbolização não é possível. O que determina a situação traumática é a possibilidade dessa quantidade ser ou não representada. (Coutinho, 1994, p. 118)

Desta forma, a sedução enquanto um episódio real não é abandonada, mas Laplanche avança na questão da experiência sexual traumática, em direção à sedução essencial. Laplanche então desenvolve sua *teoria da sedução generalizada*, ao acreditar que a existência de um inconsciente parental seria relevante desde a relação mãe-bebê. Laplanche (1988f e 1988e) propõe uma nova teoria e estabelece a *sedução originária*, em que a situação de sedução deve ser concebida como algo que está para além da experiência sexual de sedução, a partir de um contexto em que uma criança é confrontada com mensagens emanadas do adulto, mas das quais não possui a chave, ou seja, os significantes enigmáticos. Nas palavras de Coutinho (1994):

Enigmáticos, não apenas porque a criança não possui o código nem as respostas fisiológicas ou emocionais para tais mensagens, mas também porque o próprio adulto não conhece o código, por se tratar de significações sexuais inconscientes. Enigma, aqui, (...) refere-se ao fato de que os significantes parentais no curso dos recalcamientos – traduções sucessivas – abandonaram seus significados que ficaram perdidos para sempre. Como uma fechadura que a chave se perdeu. Perdeu-se para ambos os parceiros da sedução originária. (Coutinho, 1994, p. 119)

Coutinho pontua então que a sedução originária é sedução por si mesmo, não estando necessariamente articulada a um atentado sexual. Nesta medida, a sedução generalizada é “o protótipo do mecanismo de toda sedução, de qualquer que seja o tipo” (Coutinho, 1994, p. 120).

Para exemplificar a sedução originária, Laplanche (1988d) retoma a idéia de que o seio materno transmite para o bebê uma mensagem que pode ser tanto verbal quanto não-verbal, e que esta mensagem é sexual e enigmática. Contudo, esclarece que estas mensagens enigmáticas são essencialmente mensagens não-verbais, no caso de um bebê. Laplanche ressalva que, além de ser um órgão através do qual a criança se alimenta, o seio é uma zona erógena para a mulher, faz parte de sua vida sexual, sendo por ela inconscientemente investido. Neste sentido, afirma que o seio atua como zona erógena na relação da mãe com a criança.

Que quer de mim este seio que me alimenta, mas que também me excita; que me excita se excitando? Que quer ele dizer, que ele mesmo não sabe? (Laplanche, 1988d, p. 79)

O exemplo do seio materno aponta para a existência de uma relação pulsional adaptativa – pulsão de autoconservação, na medida em que a relação mãe-bebê está centrada, inicialmente, na satisfação de uma necessidade, através da alimentação, assim como está centrada também numa relação de trocas entre o que é exterior ao bebê e o que lhe é interior, isto é, seu corpo. Entretanto, de outro modo, a própria presença do seio materno, segundo Laplanche, se impõe para a criança “como mensagem enigmática, carregada de um prazer de si mesmo, ignorado e de impossível circunscrição” (*ibid.*, p. 79).

(...) ao nível da autoconservação ou adaptação (...), a comunicação vai no sentido filho-pai, enquanto no domínio sexual vai no sentido inverso; de tal maneira a criança evolui da adaptação para a sexualidade que Freud não hesita em afirmar que a mãe (na sua relação com o filho) passa da sexualidade à afeição: “O amor da mãe pelo lactente que ela alimenta e cuida é algo de diferentemente profundo da sua afeição ulterior pelo filho que começou a crescer”. Há um verdadeiro desencontro entre o caminho que o filho percorre e o que a mãe percorre. (Laplanche, 1988 [1987], p. 104)

Para desenvolver a noção de significante enigmático, Laplanche se inspirou no artigo *Confusão de língua* – no qual Ferenczi trabalha o mundo do adulto, caracterizando-o através da linguagem da paixão –, assim como no modelo

tradutivo, ilustrado na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52). De *Confusão de língua*, Laplanche resgata o aspecto traumático e estruturante da relação da criança com o mundo adulto, na medida em que postula a existência de confrontos entre criança e adulto pelos significantes enigmáticos, na sedução originária. Contudo, segundo Laplanche (1987), em *Confusão de língua*, Ferenczi passa ao lado do que é mais importante, a manifestação do inconsciente parental, não percebendo que a linguagem apaixonada do adulto “só é traumatizante porque veicula um sentido em si mesmo ignorado” (Laplanche, 1988 [1987], p. 132). Sobre a expressão ferencziana *confusão de línguas*, Laplanche ressalta:

(...) a expressão ‘confusão de línguas’ não nos parece completamente adequada. Com efeito, há línguas de adulto, língua verbal, língua dos gestos, das convenções, das mímicas ou dos afetos. Também existe na criança uma potencialidade para entrar nestas línguas, que é uma potencialidade natural, instrumental e também afetiva. Mas, (...) o problema não se resume nem à aquisição de uma ou várias ‘línguas’, nem ao confronto de duas línguas com as suas lógicas e os seus processos significantes diferentes. Com efeito, sabe-se que, sem gramática nem dicionário, é perfeitamente possível semelhante aquisição ou semelhante correspondência, e isto sem mais. (Laplanche, 1988 [1987], p. 131)

Já da Carta 52, Laplanche retoma os pontos de vista tradutivo e econômico, na teoria da sedução generalizada. A partir dela, sustenta que a falha de tradução do material psíquico, disponível na forma de traços mnésicos, é constitutiva do recalçamento, explicando a permanência de resíduos intraduzidos de mensagens enigmáticas, emanadas do adulto. Dito de outro modo, existem significantes enigmáticos que estão presentes no interior da linguagem do adulto – “uma mensagem de si mesmo ignorada” (*ibid.*, p. 94) e que, antes mesmo de serem traduzidos, são passivamente registrados no aparelho psíquico. Deste modo, o que está em perspectiva nos resíduos dessas mensagens enigmáticas sexuais oriundas do outro, que escapam à eficácia tradutiva, “é a própria gênese do indivíduo, enquanto possuindo um inconsciente e uma sexualidade” (Laplanche, 1988f, p. 108).

Para descrever com o que a criança originalmente se confronta, ou seja, esses significantes enigmáticos, essa parte da experiência que ela tem que controlar imediatamente, traduzir, assim como assimilar em seu *eu*, Laplanche

(1987) resgata o termo *Wahrnehmungszeichen*<sup>5</sup> – utilizado por Freud na Carta 52 e traduzido por Masson (1986) como *indicação da percepção*. Para Laplanche, estes primeiros elementos a serem traduzidos pela criança – os significantes enigmáticos, tal como se aplica antes de qualquer tradução – são comparáveis às *indicações da percepção*.

Laplanche pressupõe que, em toda sedução, há a intervenção de um adulto que, com seu inconsciente, endereça à criança uma mensagem que para ela é enigmática e traumática. Em outras palavras, é a sedução por parte de um adulto que desvia a criança em relação aos seus estímulos pulsionais de autoconservação, fazendo incidir no corpo do bebê as indicações perceptivas de significantes intraduzíveis. Assim, Laplanche (1988f) sugere que estas situações sedutoras, em que o adulto endereça à criança significantes enigmáticos, interpelando-a a lhes dar uma resposta e um sentido, sejam reconhecidas pelo termo *sedução originária*.

Continuando a apresentar o tema da sedução, Laplanche (1988f) propõe a reconstrução das seduções infantil e precoce, sob uma forma generalizada, com ênfase na série sedução infantil (pedófila) – sedução precoce pela mãe – sedução originária. Laplanche acrescenta:

(...) a sedução originária não abole a importância dos dois outros níveis mas vem antes lhes dar seu fundamento. (Laplanche, 1988f, p. 119)

Assim, a sedução precoce é enfatizada na teoria da sedução generalizada, pois as fantasias inconscientes funcionam plenamente nas zonas erógenas do bebê, principais pontos de focalização dos cuidados maternos; e, de outro lado, a importância dos fatos da sedução infantil pode ser reavaliada a partir da sedução originária e da sedução precoce (Laplanche, 1988 [1987], p. 135). Sobre o assunto, Laplanche comenta (1988f):

Chego à sedução originária (...). A ‘generalização’ que opero, das seduções – infantil e precoce – freudianas à originária não é uma passagem a um primeiro tempo, numa regressão temporal e na dimensão de um *après-coup*; é uma passagem ao essencial e à ‘efetividade’ em relação às seduções que apenas descrevem o ocorrido (infantil) ou situacionais (precoce). A sedução originária quer dizer que é a presença de um maior sentido, mas de um ‘maior sentido’

<sup>5</sup> Cf. Masson (1986, p. 209): “Wz |*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)| é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações de simultaneidade.”

escondido, ignorado, que é o próprio mecanismo de toda sedução, quer esta seja precoce, infantil, adulta, etc. (Laplanche, 1988f, p. 123).

Segundo a perspectiva laplancheana (1987), com a teoria da sedução generalizada, o esforço que uma criança faz para *traduzir* o trauma na sedução originária ocasiona um recalçamento “destes primeiros significantes e de seus derivados metonímicos” (*ibid.*, p. 101). Conforme Laplanche, este primeiro momento de operação do recalçamento, o recalçamento originário, deve então ser entendido como falha de tradução na sedução originária, apresentando-se em dois tempos, sendo condição necessária para o nascimento do *eu*, para a própria estratificação dos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente.

Num primeiro tempo, não há *eu* ou, então, se já quisermos empregar este termo, é necessário dizer que está em coincidência com o todo do indivíduo e, mais especificamente, com a sua periferia que o delimita. Neste momento é *eu-corpo*, como diz Freud. Enquanto no segundo tempo do recalçamento originário o que está em causa é, desta vez, o início do *eu* como *instância* (...) (Laplanche, 1988 [1987], p. 139)

Para Laplanche, a situação do significante enigmático é diferente, segundo exista ou não a instância do *eu*. Num primeiro tempo, o significante enigmático é um objeto externo; com a criação do *eu*, num segundo tempo, o significante enigmático se torna, por outro lado, um objeto interno ao indivíduo, embora atue externamente em relação ao *eu*.

No primeiro tempo, é externo, cravado (...) na periferia do *eu*, muito concretamente implantado na periferia do indivíduo, principalmente nos pontos que se chamarão zonas erógenas. Enquanto, no segundo tempo, o significante enigmático (...) torna-se interno: permanece externo relativamente ao *eu* cravado na sua periferia, mas como o *eu* é mais restrito que o indivíduo (...) é um externo-interno que para o *eu* age do exterior. (Laplanche, 1988 [1987], p. 140-141)

Retomando os aspectos temporal, tópicos e tradutivos que já havíamos distinguido na sedução infantil e no período de recalçamento teórico que corresponde à sedução precoce (entre 1897 e 1964/1967), percebemos que, na sedução originária, o aspecto temporal só adquire sentido quando referenciado ao aspecto tradutivo, “porque é só no domínio da reelaboração tradutiva que se pode compreender aquilo que pode significar este (...) efeito denominado *posterioridade*” (Laplanche, 1988 [1987], p. 136). No entanto, o aspecto tradutivo continua referenciado ao modelo da Carta 52. Através do recalçamento originário, na opinião de Laplanche, funda-se um movimento de tradução que dura toda a

vida e que é explicado a partir do esquema matemático da substituição significante ou metábole. Conforme este esquema matemático, num primeiro tempo há um par significante-significado que se submete à uma ação metabolizante de um segundo par, que é um par de significantes.

$$\frac{S_1}{s} \times \frac{S_2}{S_1}$$

Segundo nos mostra Laplanche (1987), do lado esquerdo da metábole existe um primeiro termo  $S_1$ , que corresponde à mensagem enigmática proveniente do outro. Nestes casos em que o próprio emissor (o adulto) desconhece o conteúdo sexual, inconsciente e enigmático da mensagem, o segundo termo – o significado (s) – é inatingível. Já do lado direito há um segundo par de significantes  $S_2$  e  $S_1$ , que corresponde a uma primeira tentativa de tradução.

Laplanche estabelece ainda outro esquema, o esquema da metábole recalçante<sup>6</sup>, em que a mensagem enigmática passa a atacar o indivíduo de seu interior; ela se torna auto-traumática, provocando o recalçamento.

$$\frac{\frac{S_2}{s}}{\frac{S_1}{S_1}}$$

Assim, inspirado no esquema matemático da metábole, Laplanche (1987) afirma que a sedução se encontra na origem do aparelho psíquico, sendo produzida junto ao recalçamento, na passagem para o segundo tempo. O ponto de vista tópico deve ser, com isso, reavaliado em relação aos tempos do recalçamento, levando-se em consideração o modelo teórico freudiano isso/eu/supereu, pois este segundo momento da teoria de Freud marca, para Laplanche, um progresso no que se refere à discussão sobre a sedução.

Desta forma, Laplanche elabora uma teoria da sedução generalizada com o objetivo de explicar a origem do aparelho psíquico, a partir da relação adulto-criança. A teoria da sedução generalizada sustenta que, na situação originária –

<sup>6</sup> Segundo Laplanche (1987, p. 138), o esquema da metábole recalçante deve ser entendido, sob o ponto de vista matemático, como um mero artifício, na medida em que esta fórmula algébrica é absurda.

isto é, no confronto da criança que ainda não fala com o mundo adulto –, o fato de uma criança ser criada e educada por seus pais e estar inserida em um contexto familiar é contingencial: “podemos, em todo rigor, e quaisquer que sejam as distorções que possam daí resultar, nos tornar, sem família, um ser humano” (*ibid.*, p. 118). No entanto, o confronto de uma criança com o mundo adulto, como uma situação que escapa a qualquer contingência, é, por sua vez, inegável e essencial para a constituição do sujeito, posto que, para Laplanche, todo o processo de constituição subjetiva é deflagrado a partir do encontro entre a criança e o mundo adulto. Já a cena do coito parental “é ela mesma sedução para a criança, no sentido de sedução originária” (*ibid.*, p. 119). Desta maneira, o que Laplanche está marcando ao distanciar a sedução das idéias de abuso sexual e da necessidade de existir um adulto sedutor é que o enigmático é diferente do sexual genital.

Além de destacar a importância do confronto da criança com o mundo adulto para a constituição do sujeito, Laplanche (1997) entrelaça dois aspectos que estão presentes na obra freudiana e que lhe interessaram particularmente: a teoria da sedução e a descoberta do inconsciente, já que, para ele, a teoria da sedução infantil é recalcada – no sentido do termo *período de recalçamento*, que corresponde à sedução precoce –, mas indispensável para o entendimento do que seria o inconsciente, na teoria freudiana. Neste sentido é que Laplanche se refere tanto ao inconsciente descoberto por Freud antes de 1897, o que supomos ser uma referência à Carta 52, quanto ao inconsciente que aparece em diversos momentos da teoria freudiana, incluindo certamente as modificações presentes no trabalho freudiano de 1915, *O inconsciente*.

Laplanche (1997) sugere que o inconsciente freudiano – as memórias, os fragmentos de memórias, as fantasias etc. – consiste em cenas, ou fragmentos de cenas, que são, acima de tudo, essencialmente sexuais. Para Laplanche, o significado disto não é apenas contingencial. A primazia da sexualidade se sobrepõe à questão alimentar e à necessidade de proteção, estando diretamente ligada à presença real de um outro, inegável para a sobrevivência do recém-nascido, daquele que ainda não fala. Essencialmente, a revolução iniciada por Freud diz respeito, portanto, à alteridade do inconsciente, que só é garantida a

partir de outra pessoa – o *adulto-outro-enigmático*<sup>7</sup> –, por sedução. Neste sentido, a alteridade do *adulto-outro-enigmático* é velada e, na opinião de Laplanche (1997, p. 659), reabsorvida na forma de *minha* fantasia do outro, *minha* fantasia de sedução, colocando em risco a própria alteridade do inconsciente.

Laplanche (1997) relativiza a questão da sedução infantil e da existência obrigatória de um agente sedutor sustentada por Freud antes de 1897, assim que o *adulto-outro-enigmático* passa a ser considerado como primordial para a constituição do sujeito. Colocando de lado o debate sobre se estas cenas são reais ou são cenas fictícias, o que Laplanche (1997) descreve, nas cenas de sedução, é a própria intervenção do *adulto-outro-enigmático*, com seu inconsciente. Neste sentido, a sedução deve ser encontrada no cerne das fantasias primordiais do outro, assim como, particularmente, na cena originária enigmática, que é necessariamente traumática para a criança. Assim, Laplanche aponta que as mensagens enigmáticas e sexuais dos adultos são distantes deles próprios; não são mensagens transparentes, mas comprometidas (no sentido psicanalítico do termo) pela relação do adulto com o seu próprio inconsciente, pelas fantasias sexuais inconscientes que são colocadas em movimento na relação estabelecida com a criança.

Segundo Laplanche (1997), sempre que as cenas originárias são apresentadas por Freud, duas idéias incomunicáveis entre si dividem, de um lado, comportamento dos pais e, de outro, o lado da criança, uma experiência traumática que a criança precisa simbolizar. Entretanto, na sua opinião, entre estas duas idéias – *comportamento parental* e *experiência traumática* – falta algo, ou seja, falta supor que mostrar relações sexuais para crianças não é simplesmente uma realidade objetiva, na medida em que mesmo o *deixar ver* por parte dos pais está sempre referido a um *fazer ver*, isto é, a uma exibição. Neste sentido, a experiência de sedução adquire valor de espetáculo traumático para a criança.

De certo modo, o *adulto-outro-enigmático* adquire um estatuto novo para Laplanche em 1997, justificando a menção específica deste artigo. Nele, Laplanche sustenta que não há somente a realidade do outro *nele mesmo*, para sempre inalcançável – os pais em relação ao seu próprio desejo, a sua satisfação

---

<sup>7</sup> Escolhemos traduzir a expressão *adult other* (Laplanche, 1997), por *adulto-outro-enigmático*, tal como o fez Figueiredo (1994), em seu artigo *A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche*.



de prazer – e a realidade do outro *para a criança*, existindo exclusivamente nas produções fantasísticas da criança; há também o outro que, primordialmente, se endereça à criança; o outro que deseja alguma coisa desta criança. Assim, de acordo com Laplanche, a questão que a criança faz a si mesma pode ser resumida da seguinte forma: O que quer este pai de mim, ao me mostrar, ao me fazer ver esta cena originária, mesmo que seja somente me levando a um local onde eu possa testemunhar um coito animal?

No artigo *A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche*, Luís Cláudio Figueiredo (1994) insiste que a sedução, numa leitura laplancheana, não é exercida somente por adultos perversamente sedutores, mas por todos aqueles adultos que, de alguma forma, representam para a criança o mundo adulto, através de mensagens enigmáticas.

(...) a sedução não é exercida apenas pelo adulto perverso, mas pelo *adulto-outro-enigmático*, isto é, por todo e qualquer representante deste *mundo adulto* com suas mensagens sempre *plurais, cindidas, equívocas, promissoras e excludentes*. Assim sendo, as mensagens do adulto serão necessariamente enigmáticas, pondo à prova e derrotando as capacidades e recursos simbólicos da criança. (Figueiredo, 1994, p. 299)

Comentando sobre a teoria da sedução generalizada, Figueiredo ressalta que Laplanche sempre se refere a adultos concretos, particulares e diferenciados, quando ele emprega a noção de mundo adulto, concordando com Laplanche, no que concerne à existência de enigmas provenientes do mundo adulto que exigem da criança todo um trabalho de tradução e de simbolização. Ratificando as idéias de Laplanche sobre os significantes enigmáticos, Figueiredo sustenta que parte deste esforço infantil é imetabolizável, contribuindo para a formação do inconsciente da criança.

Uma parte mais ou menos substancial destes enigmas é imetabolizável, resistente ao trabalho tradutivo e vai se constituir, através do recalçamento de fragmentos de mensagens enigmáticas, no inconsciente da criança. Estas partes intraduzíveis – que são ao mesmo tempo comunicadas, ignoradas e desmentidas (...) pelo adulto – são o ‘sexual’ (...). (Figueiredo, 1994, p. 299-300)

Neste sentido, Figueiredo argumenta que o *adulto-outro-enigmático* é, na teoria da sedução generalizada, um objeto a oferecer mensagens à criança – ele é o outro da criança –, sendo matriz das traduções primitivas. O mundo adulto,

portanto, não deve ser confundido somente com o mundo externo, significando mais do que isto.

Ressaltamos que a leitura de Figueiredo (1994) sobre a questão do outro em Laplanche difere daquela presente no texto laplancheano de 1997. Para ele, Laplanche fala da alteridade a partir de uma ótica realista – em que o adulto é o outro da criança –, pois não compreende, fenomenologicamente, a alteridade como emergência, nem se descola de uma noção pré-crítica do outro. Segundo Figueiredo, Laplanche possui “uma noção positivista de alteridade, em que esta é concebida como um ente-já-constituído”, impossibilitando que a alteridade seja tomada “como o que brota no acontecimento inaugural em que o si e o outro vêm a ser” (*ibid.*, p. 297). No entanto, insiste também que a contribuição laplancheana é importante para a psicanálise na medida em que postula a existência de um outro enigmático, sedutor e traumatizante, enfatizando que este outro é um outro cindido, sendo outro-para-si-mesmo, portanto.

Também interessado em discorrer sobre a teoria da sedução generalizada, Ribeiro, nos artigos *Sedução generalizada e primazia do sexual* (1996) e *Rumo a uma teoria psicanalítica da feminilidade* (1997), afirma que, para ele, Laplanche se propôs, na teoria da sedução generalizada, a retomar a questão freudiana do originário e a recuperar uma concepção de inconsciente na qual a sexualidade adquiriria uma dimensão de alteridade radical.

De acordo com Ribeiro (1996), Laplanche valorizou a idéia de que existiam pequenos outros, capazes de implantar na criança mensagens enigmáticas que lhes são próprias, assim conferindo ao inconsciente características individuais, fundadas na história particular de cada sujeito. Por outro lado, ainda segundo Ribeiro, a realidade da sedução laplancheana difere tanto de uma realidade material quanto de uma realidade psicológica, na medida em que está referida a uma realidade da mensagem que advém do outro. A realidade da sedução pressupõe um excesso não traduzido ou intraduzível que traumatiza a criança, na medida em que este conteúdo que resta sempre possui características sexuais.

(...) trata-se da impossibilidade de traduzir completamente uma mensagem em imagens ou qualquer outra forma de expressão sem que se produza algum resto não traduzido ou intraduzível. A realidade da mensagem pressupõe assim a existência de um excesso de conteúdo capaz de torná-la parcialmente ou totalmente opaca para aquele que a produz como para aquele que a recebe.

Opacidade, no entanto, altamente operante e intrusiva já que invariavelmente ligada a um conteúdo sexual inconsciente. (Ribeiro, 1996, p. 50)

Para Ribeiro (1997), com a tese da sedução generalizada, Laplanche pretende “reinstalar o outro” (*ibid.*, p. 133) – o *adulto-outro-enigmático*, que desconhece o quanto pode influenciar com sua sexualidade uma criança. Neste sentido, os bebês experimentam vivências originárias de sedução desde o nascimento, na medida em que os adultos os marcam com mensagens, muitas vezes inconscientes, de irritação, sedução e dispersão.

Laplanche amplia então a sedução, que, apesar de ainda inegavelmente traumática, perde seu caráter de abuso sexual. Na nossa opinião, sua contribuição se encontra também referenciada ao agente da sedução, que é mais do que simplesmente um adulto concreto ou o próprio sujeito que fantasia ter sido seduzido por seus pais ou algum substituto destes, pois, para Laplanche, o agente sedutor é o próprio mundo adulto – existe um outro, ou seja, o *adulto-outro-enigmático*, que se endereça à criança, desejando alguma coisa dela.

Deste modo, a partir da teoria da sedução generalizada, Laplanche relativiza tanto a primeira teoria da sedução freudiana como a teoria ferencziana da sedução, aproximando-se de um Freud mais tardio, após 1897, e mais especificamente de um Freud da década de 1930 (1931; 1933 [1932c]). A Laplanche só interessa trabalhar as seduções freudianas infantil e precoce, desde o momento em que elas remetam o sujeito às mensagens enigmáticas, que são inconscientes.